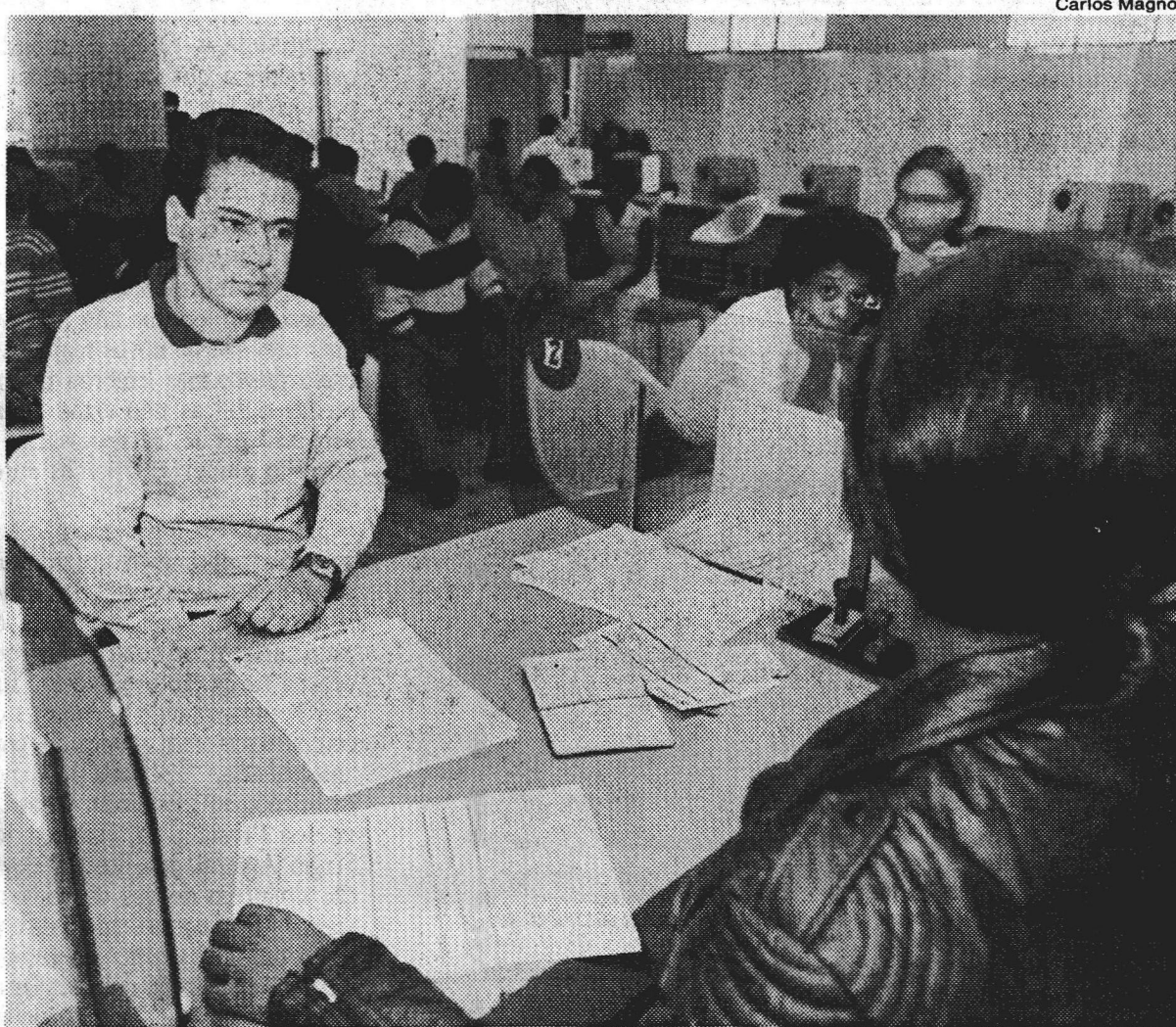




Edivaldo, demitido há nove meses da empresa onde ganhava R\$ 215, agora disputa um salário mínimo

250 A longa espera do operador de máquinas

Tudo começou com uma antecipação obrigatória de férias para todos os funcionários. Depois vieram as demissões. O operador de máquinas Edivaldo Augusto Vieira, 33 anos, perdeu seu emprego na Vitronac (empresa que fabrica ampolas, frascos e tubos de ensaio) há nove meses, junto com 25 colegas, e até agora não conseguiu nada. "Os pedidos de clientes foram diminuindo, vieram as férias e depois as demissões", disse Edivaldo durante a longa espera na fila do Balcão de Emprego, do Ministério do Trabalho. Ele já trabalhava na empresa há cinco anos e e ganhava R\$ 215. Esta semana marcou uma entrevista

para disputar o salário mínimo, de R\$ 100.

Edivaldo está entre os 8.840 trabalhadores que perderam o emprego desde julho do ano passado, quando foi lançado o Plano Real — apenas na indústria fluminense. O número é da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), cujos dados apontam a exclusão de 6.077 pessoas do mercado de trabalho formal nos meses de julho e agosto de 1994. A estabilização entusiasmou as indústrias entre setembro e janeiro e a tendência se inverteu, com a criação de 8.100 empregos. Mas a alegria durou pouco. Com a transformação do consumo no

vilão do Plano Real, 7.735 pessoas ficaram desempregadas entre fevereiro e maio — 1.200 só no mês passado.

"A atividade industrial está esbarrando na redução de estoques pelo comércio, pressionado com a alta dos juros e o controle do crédito. Isso significa desemprego", avaliou o subchefe do Departamento de Estudos e Pesquisas da Firjan, Samuel Cruz dos Santos. De maio de 1994 a maio deste ano, o setores mais afetados foram os de material de transporte (especialmente os navais), com redução de 21,3% nos postos de trabalho; perfumaria, com 8,4% e metalurgia, com 7,7%.